



# É bicho ou é gente? O uso da zoonímia nos nomes atribuídos à prostituta pelos sulistas segundo o *Atlas Linguístico do Brasil*

Júlia Vitória Mugartt Picolli

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), Brasil

ORCID: 0009-0001-0211-3629

E-mail: vitoriamugartt@gmail.com

Daniela de Souza Silva Costa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), Brasil

ORCID: 0000-0002-0168-4593

E-mail: souza.costa@ufms.br

## RESUMO

Mesmo que popularmente conhecida como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição é, ainda nos dias de hoje, um assunto tabu e carregado de preconceito. Essa realidade se reflete também no léxico, uma vez que Sapir (1969) afirmava que o léxico reflete o ambiente físico e social dos falantes. Nesse sentido, este artigo apresenta resultados do Plano de Trabalho de Iniciação Científica (PIBIC) que analisou, sob os pontos de vista diatópico e léxico-semântico, dados geolinguísticos do *Atlas Linguístico do Brasil*, estudando respostas para a pergunta 142 do Questionário Semântico Lexical, área semântica *Convívio e comportamento social*, que investiga “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), documentadas na Região Sul do Brasil. Nesse universo, destacaram-se lexias que tinham relação com designativos de animais (8 em um total de 51), de maneira que o trabalho se ocupou, para além dos estudos em Dialetologia e Geolinguística (CARDOSO, 2010), também do construto teórico da Zoonímia de Alinei (1997), buscando compreender a polissemia dos nomes nos falares da população sulista do Brasil, representada pelas lexias: *galinha*, *piranha*, *cadela*, *mariposa*, *vaca*, *cachorra*, *jaguara* e *perua*. As análises confirmaram a relação intrínseca entre língua e sociedade, ao desvelarem tabus a partir dos zoônimos utilizados para nomear a prostituta, ratificando a importância dos estudos geolinguísticos para o conhecimento da norma lexical em uso por uma comunidade e mostrando, enfim, que estudar variação linguística é entrar em um mundo pluridimensional, social e constantemente em movimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Região Sul; Projeto ALiB; prostituta; zoonímia.



## **Is it an animal or is it a person?** The use of zoonymy in the names attributed to prostitutes by southerners according to the *Linguistic Atlas of Brazil*

### **ABSTRACT**

Even though it is popularly known as the oldest profession in the world, prostitution is, even today, a taboo subject and full of prejudice. This reality is also reflected in the lexicon, since Sapir (1969) stated that it reflects the physical and social environment of speakers. In this sense, this article presents results from the Scientific Initiation Work Plan (PIBIC) that analyzed, from a diatopic and lexico-semantic point of view, geolinguistic data from the *Atlas Linguístico do Brasil* (Linguistic Atlas of Brazil), studying answers to question 142 of the Lexical Semantic Questionnaire, semantic area Coexistence and social behavior, which investigates “what a woman who sells herself to any man is called” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), documented in the Southern Region of Brazil. In this universe, lexias that were related to animal designations stood out (8 out of a total of 51), so that the work dealt with, in addition to studies in Dialectology and Geolinguistics (CARDOSO, 2010), also the theoretical construct of Zoonymy by Alinei (1997), seeking to understand the polysemy of names in the speech of the southern population of Brazil, represented by the lexias: *galinha* (chicken), *piranha*, *cadela* (bitch), *mariposa* (moth), *vaca* (cow), *cachorra* (dog), *jaguara* (jaguar) and *perua* (turkey). The analyzes confirmed the intrinsic relationship between language and society by revealing taboos based on the zoonyms used to name the prostitute, confirming the importance of geolinguistic studies for understanding the lexical norm in use by a community and showing, finally, that studying linguistic variation is enter a multidimensional, social and constantly moving world.

**KEYWORDS:** Brazilian South Region; ALiB Project; prostitute; zoonomy.

## **1. Introdução**

Neste artigo, iniciamos nossas discussões concordando com Camacho (2001, p. 55), para quem “a linguagem é, sem dúvida, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sociointeracionais”. Posicionando, pois, nossas análises com foco na relação entre língua e sociedade, compreendemos que o estudo linguístico pode revelar, para além de questões intrinsecamente relacionadas à língua como sistema, também modos de pensar, de ser e de viver das sociedades em que ela é compreendida, além de fazer compreender as pessoas e sua realidade em redor.

Dentre os níveis linguísticos, este texto trata o léxico, posto ser aquele que mais demonstra influências sociais, históricas e culturais, já que se trata do repertório vocabular de uma comunidade, utilizado para nomear os elementos que circundam a vida, os hábitos, as crenças, os sonhos e os anseios dos homens, sujeitos sociais em sua essência.

Nessa seara, investigamos os nomes para “a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32) documentados pelo Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* – Projeto ALiB – na região Sul do Brasil, cuja rede de pontos é composta por dezessete localidades paranaenses, dez cidades catarinenses e dezessete municípios gaúchos. O estudo é dividido em duas partes: análise diatópica e léxico-semântica e se ampara em preceitos da Dialectologia e da Lexicologia, especialmente quando esta estuda os tabus linguísticos.

A apresentação do texto se organiza nesta Introdução, seguida pelas considerações acerca da teoria que nos embasa e depois pelas análises, conclusões e referências.



## 2. A variação linguística em estudo

Um conceito primordial nos estudos de linguagem é o signo linguístico, o qual, segundo Saussure (2012 [1916]), é formado pelo significante, a parte concreta do signo: imagem acústica, letras e fonemas, e pelo significado, parte conceitual, a parte abstrata do signo. Todavia, para além da dimensão imanente da língua, esta pode variar, a depender de fatores intra e extralinguísticos. Além disso, o mestre genebrino acreditava que a fala seria heterogênea e individual, de forma que dificultaria sua sistematização. Entretanto, para outras correntes teóricas, como a Sociolinguística e a Dialetoлогия, por exemplo, o uso da linguagem é moldado pelo meio em que o falante está inserido.

Nesse contexto, Fiorin (2000) defende que a variação linguística é inerente às línguas, pois a sociedade é segmentada – há os que moram em uma região ou outra, mais velhos e mais jovens, classes sociais diferentes e assim por diante. Portanto, “o uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos” (FIORIN, 2000, p. 225). Camacho (2001), por sua vez, concorda, ao afirmar que nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável, uma vez que “[...] comporta variantes: i. em função da identidade social do emissor; ii. em função da identidade social do receptor; iii. em função das condições sociais da produção discursiva” (CAMACHO, 2001, p. 58).

Por ser a língua, ademais, “um instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos” (CARDOSO, 2016, p. 1), é importante que olhemos para ela utilizando duas disciplinas que se relacionam e se complementam: Sociolinguística e Dialetoлогия, ambas estudando a variação linguística. Isso porque a Dialetoлогия compreende a diversidade da língua por meio dos espaços geográficos, enquanto a Sociolinguística estuda sistemas linguísticos em seu contexto social. Sobre a Dialetoлогия, Cardoso (2010, p. 15) explica que se trata do “[...] ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos da língua em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. A autora pontua a importância da Dialetoлогия ao afirmar que:

a preocupação diatópica, seja porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as reflete, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu **existir** e no seu **agir**, no seu ser e no seu **fazer**, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios (CARDOSO, 2010, p. 48).

Acerca da Sociolinguística, ao mencionar a Sociolinguística Variacionista, tendência atual desses estudos, Camacho (2001, p. 50) esclarece que “[...] o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”.

Desse modo, vemos que Dialetoлогия e Sociolinguística contribuem para o entendimento da variação linguística, posto que elas “[...] têm o mesmo objetivo, a saber, a descrição da língua, mas uma visão diferenciada na percepção e no controle dos fatores extralinguísticos: o que as

diferencia é o trato descritivo em relação às comunidades de fala” (LIMA; COSTA, 2022, p. 714), mais social, no caso da Sociolinguística, e com vistas a contatos dialetais, no que tange à Dialetoologia.

Nesse contexto, é necessário um olhar pluridimensional, devido à relação entre língua e sociedade, o que reforça a importância de se estudarem os níveis linguísticos, como o léxico, por este ser “[...] o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 1969, p. 45), cujas investigações, pois, levam-nos a compreender também elementos culturais e físicos de um determinado povo, já que “[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade ao longo de sua história” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Seabra (2015) acrescenta que o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula aquisições culturais representativas de uma sociedade, de modo que é inevitável que, ao estudarmos a variação no léxico, vejamos, também, fatores de natureza extralinguística que colaboram para a compreensão tanto do léxico quanto das identidades linguística e cultural<sup>1</sup> dos indivíduos.

No que tange a este trabalho, que investiga o uso de designativos para o referente comumente conhecido como prostituta, é inevitável o questionamento: o que é uma prostituta? Seria somente a mulher que se vende para qualquer homem? Quais valores semânticos são e foram atribuídos a este lexema ligado a esse referente tão polêmico ao longo da história? Segundo a historiadora Swain (2004), em cada época e lugar, a definição de prostituta pode se alterar. Em décadas como as de 1920 e 1940, poderia ser a mulher que não fosse casada; já em tempos como os idos 1960, o nome poderia ser empregado para referenciar a mulher que trabalhasse fora de casa. O que se pode ver, como semelhança, é que o designativo parece sempre ser usado com valor semântico negativo para taxar aquelas que não se encaixam em um padrão ideal conservador e patriarcal. Entende-se, então, que os nomes para prostituta, ainda que apresentem usos variados, podem trazer tons pejorativos, podendo configurar, em alguns casos, tabu linguístico.

Entendido como sagrado-proibido, o tabu sempre esteve presente na história da humanidade, podendo se representar por um lugar, uma ação ou até mesmo uma palavra. Vem como uma forma de proibição, seja para fazer ou dizer algo. Por se tratar de um fenômeno carregado de particularidades de cada cultura, seu estudo é um grande aliado para a compreensão de um povo.

Segundo Mansur Guérios (1956, p. 11), o tabu linguístico nada mais é do que uma modalidade do tabu, ou seja, se uma coisa ou um ato é dado como proibido, a palavra a que se refere também o será. Já, de acordo com Alinei (2003, p. 8), diz respeito a toda palavra que, de certa forma, relaciona-se com aspectos sagrado-proibidos da vida, como morte, doença, sexo e assim

<sup>1</sup> Entende-se a identidade cultural como “a combinação de traços culturais compartilhados por membros de um grupo. Em nível individual, identidade cultural é a integração desta constelação complexa na personalidade” (ROSSEEL, 1984, p. 18).

por diante. Tratando do tema, é importante mencionar o conceito da palavra *noa*, que, afirmado por Alinei (2003), é usada para designar as lexias substitutas dos vocábulos com tabuísmos. Por exemplo, quando é utilizada “coisa ruim” para evitar dizer “diabo”, a primeira é a palavra *noa*, enquanto a segunda é o vocábulo tabu (COSTA; PAIM, 2022).

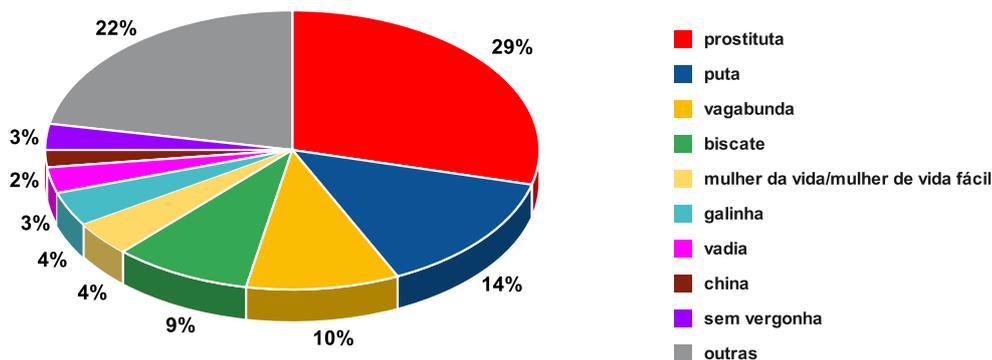
Para Alinei (1997, p. 38), os tabus linguísticos apresentam uma vasta tipologia, sendo algumas delas: as que expressam diretamente o proibido; termos ofensivos e nomes baseados em algumas características do animal tabu: *habitat*, comportamento animal e características físicas. Estes, que representam o uso de nomes de animais, denominam-se *zoonímia* e, de acordo com o autor, dividem-se em três categorias: nomes explicitamente mágico-religiosos, diretamente ligados à divindade; nomes que são explicitamente *noa*, relacionados ao tabu, e por fim, o que o pesquisador italiano vai chamar de “outros nomes” (ALINEI, 1997).

O estudo do tabu linguístico, a partir da diversidade presente nas respostas para a pergunta 142 do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32), se faz, assim, um estudo linguístico com investigação também acerca de aspectos sociais, visto que, para o levantamento de hipóteses, utilizaremos aparatos de estudos sociais e históricos, como o da historiadora Tânia Swain (2004), que nos possibilitam compreender a construção de significados das variantes lexicais para “a mulher que se vende para qualquer homem” e podem auxiliar a desvelar pensamentos e valores da população que habita a região Sul do Brasil, expressos nos nomes para a prostituta.

### 3. Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?

Os dados analisados, neste trabalho, compõem-se de 489 ocorrências, que revelaram 48 variantes lexicais documentadas como respostas proferidas pelos 164 informantes para a pergunta 142 do Questionário Semântico Lexical, área semântica de *Convívio e comportamento social*: “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32), na Região Sul do Brasil. Os critérios estabelecidos pelo Projeto ALiB, para a escolha dos informantes, foram os seguintes: homens e mulheres com baixo grau de instrução ou com escolaridade até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental, que tenham nascido na localidade pesquisada, tenham pais oriundos da mesma região linguística e que se enquadrem em uma das duas faixas etárias exigidas – 18 a 30 e 50 a 65 anos, com exceção das capitais, nas quais acrescentaram-se mais quatro informantes de nível universitário, com as mesmas correlações de sexo e de faixa etária.

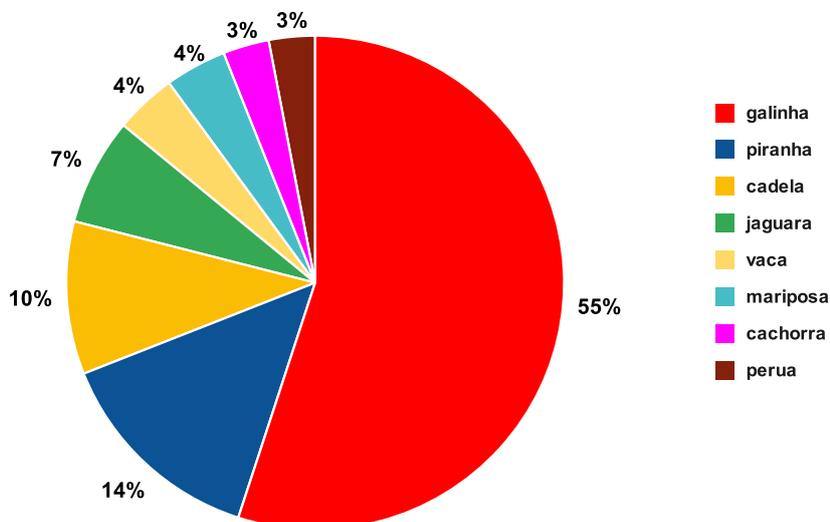
Realizadas essas considerações iniciais, a sequência deste texto se ocupará da análise diatópica e, em seguida, será demonstrado um estudo sob a perspectiva léxico-semântica.

**GRÁFICO 1.** Nomes mais recorrentes para “prostituta” na Região Sul do Brasil (Projeto ALiB)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Gráfico 1, estão representadas as nove variantes lexicais mais produtivas para nomear “a mulher que se vende para qualquer homem”, sendo elas: *prostituta*, *puta*, *vagabunda*, *biscate*, *mulher da vida/mulher de vida fácil*, *galinha*, *vadia*, *china* e *sem vergonha*. Além disso há, na legenda, o rótulo “outros”, em que estão agrupados 39 lexemas de menor produtividade, quais sejam: *mundana*; *vigarista*; *rampeira*; *desonesta*; *pelega*; *bagulho*; *assanhada*; *preguiçosa*; *ordinária*; *infiel*; *mulher leviana*; *mulher à toa*; *mulher de cabaré*; *mulher vulgar*; *mulher fraca*; *mulher que não presta*; *(mulher) de boca*; *mulher que se vende fácil*; *mulher/moça alegre*; *camana /camanga*; *baixa/mulher baixa*; *perdida/mulher perdida*; *mulher da rua*; *mulher fácil*; *rapariga*; *meretriz*; *rampeira*; *quenga*; *mulher de zona*; *pilantra*; *mulher de programa*; *garota de programa*; *perua*; *cadela*; *cachorra*; *piranha*; *vaca*; *mariposa*; *jaguara*.

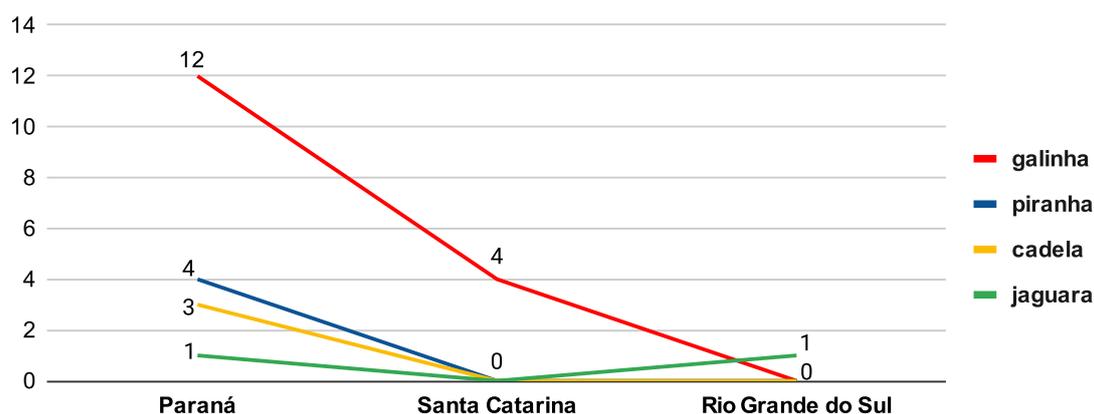
Dentre os lexemas documentados, houve uma frequência de 16% de designativos para a prostituta oriundos de designações para animais. Por isso, este estudo escolheu como tema de análise tratar o uso de nomes de animais – zoônimos – para se referir à mulher que se vende para qualquer homem. Assim, no que diz respeito ao uso de zoônimos, tem-se:

**GRÁFICO 2.** Variantes lexicais com uso de nomes de animais para se referir à prostituta no Sul do Brasil (Projeto ALiB)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Vê-se que, entre os zoônimos, o lexema *galinha* é o mais recorrente, apresentando um total de dezesseis ocorrências, inclusive, estando entre os dez mais produtivos do cômputo geral. *Piranhã*, *cadela* e *jaguara*, por seu turno, apresentam uma ocorrência de, respectivamente, quatro, três e dois registros. Já os vocábulos *vaca*, *cachorra*, *mariposa* e *perua* apresentam igualmente apenas uma ocorrência. Considerando a tipologia apresentada por Alinei (1997), interpretamos o uso da zoonímia para representar “a mulher que se vende para qualquer homem” com cunho pejorativo, pois, como analisaremos mais adiante, carrega carga semântica tabuística.

**GRÁFICO 3.** Distribuição diatópica da zoonímia nos nomes para prostituta no Sul do Brasil (Projeto ALiB)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

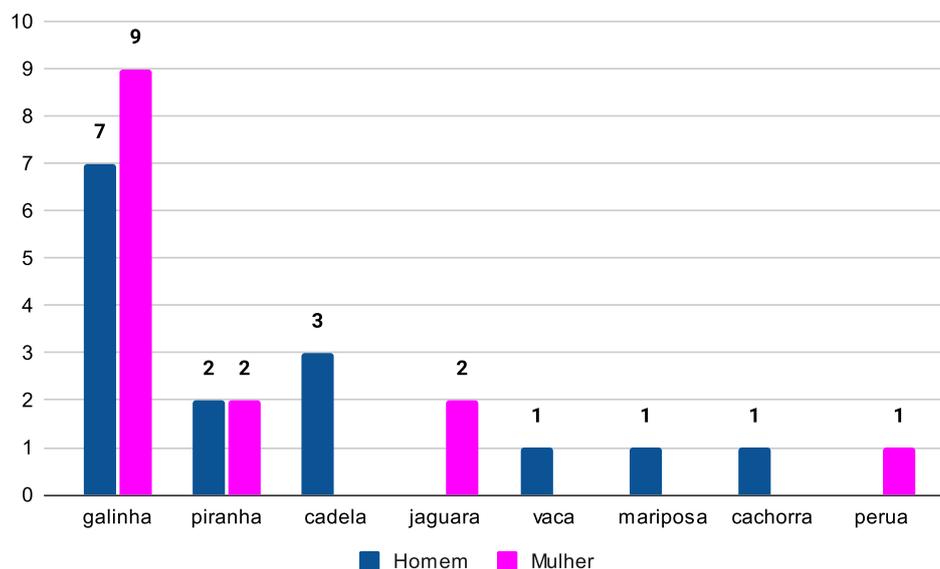
No Gráfico 3, optamos por fazer um recorte e apresentar as quatro lexias de zoônimos mais recorrentes na Região Sul, segundo os dados do *Atlas Linguístico do Brasil*, com intuito de obter uma melhor visualização dos dados representados, além do fato de que eles demonstram uma tendência que ocorre de forma geral no *corpus*: maior incidência de zoônimos no estado do Paraná, que registra 21 das 29 ocorrências. Já Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentam, respectivamente, seis e dois registros. Uma das hipóteses para tal fenômeno é que “a Região Sul é dividida claramente em duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio grandense, identificando o estado de Santa Catarina como área de transição” (KOCH, 2000, p. 57 citado por ALTENHOFEN, 2002, p. 123).

Para Altenhofen (2002, p. 123), a divisão mencionada se dá a partir de dois processos colonizadores: o que ocorreu em direção sudoeste, partindo do “Paraná antigo<sup>2</sup>”, envolvendo Campos de Lajes e Curitiba, por isso a maior disposição ligada a traços paulista-paranaenses. Já a oeste se destaca a migração de populações rio-grandenses, sendo uma parte delas descendentes de alemães, de italianos e de poloneses. Entendemos então que, por ser o emprego da zoonímia uma representação linguística muito particular de cada lugar, o estado do Rio Grande do Sul não apresenta tantas ocorrências, talvez porque o falar gaúcho apresenta uma forte influência europeia.

<sup>2</sup> Metáfora usada para referenciar a área do Paraná na época em que ainda era incorporada à capitania que viria a ser o estado de São Paulo.

Um dado que merece destaque é o da variação diasssexual<sup>3</sup> no uso da zoonímia aqui analisada. A fala dos homens apresentou um total de quinze ocorrências, enquanto as mulheres mencionaram catorze vezes zoônimos.

**GRÁFICO 4.** Variação diasssexual na zoonímia para prostituta na Região Sul do Brasil (Projeto ALiB)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo o dicionário *Houaiss* (2001), o ato de xingar é “agredir por meio de palavras insultuosas”, ou seja, é uma forma de agressão. Dessa forma, podemos entender que o uso da zoonímia, demonstrado, nesta pesquisa, entre os nomes para prostituta, é usado de forma pejorativa para se referir à profissional do sexo, sendo menos recorrente na fala das mulheres, haja vista os estereótipos culturais e expectativas de feminilidade que são impostos a elas, fazendo com que evitem lexemas que as afastem do comportamento ideal estabelecido na sociedade ocidental. Mesmo porque “[...] as diferenças mais evidentes entre fala de homens e de mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher” (PAIVA, 2003, p. 33).

É importante observarmos, porém, que, embora haja diferença na ocorrência da zoonímia nos falares de homens e mulheres, essa é pouco significativa, o que faz com que entendamos que pode haver uma mudança no pensamento feminino sobre a própria construção de identidade, podendo ser aventada, pelo uso de lexemas “impróprios”, uma forma de promulgar novos modos e versões de ser mulher.

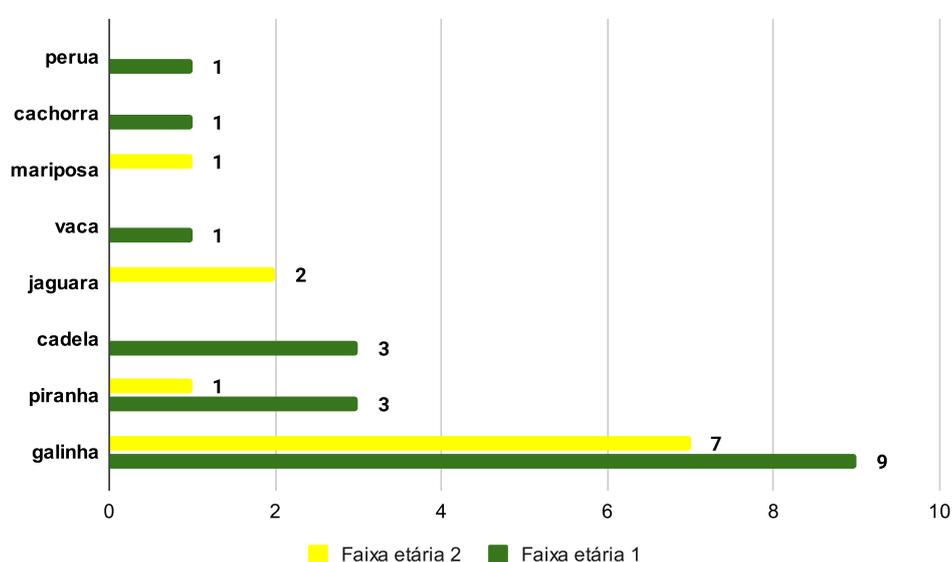
Dentre as 29 ocorrências zoonímicas, apenas *galinha* ocorreu na fala de uma informante com ensino universitário. *Piranha* e *cadela* foram outras duas variantes que apareceram no falar de

<sup>3</sup> A variação diasssexual é uma forma específica de variação linguística que ocorre entre as maneiras de falar dos homens e das mulheres. Essa variação reflete aspectos socioculturais e de gênero, demonstrando como a linguagem é influenciada e moldada pelas identidades e papéis de gênero na sociedade.

um mesmo informante do sexo masculino, também com essa escolaridade. Esses dados podem advir da hipótese de que as palavras “impróprias”, ou popularmente conhecidas como palavrões, estão relacionadas a grupos socioeconômicos baixos (STAPLETON, 2003). Além disso, aqueles também “[...] constituem um tabu linguístico na sociedade ocidental, funcionando, assim, para manter a conformidade comportamental dentro de comunidades específicas<sup>4</sup>” (GUERIN, 1992 citado por STAPLETON, 2003, p. 22. Tradução nossa) tanto na questão de gênero quanto na socioeconômica.

No que tange à variação diageracional, o uso da zoonímia é mais recorrente na fala de informantes da faixa etária I, dos 18 aos 35 anos, do que na faixa etária II, de 50 a 65 anos.

**GRÁFICO 5.** Distribuição diageracional da zoonímia nos nomes para prostituta no Sul do Brasil (ALiB)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Por meio da análise diageracional, é possível compreender o léxico por uma perspectiva sociolinguístico-cultural de uma comunidade. Isso porque:

[...] Da mesma forma que certas peças de roupa, certos penteados, certos gostos e atitudes, certos modos de entretenimento são considerados característicos desta ou daquela geração, há usos linguísticos considerados típicos de determinadas faixas etárias, que acabam por se tornar autênticos símbolos geracionais e que se renovam à medida que chegam novas gerações<sup>5</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 2008, p. 51. Tradução nossa).

<sup>4</sup> “[...] Constitute a linguistic taboo in Western society, thereby functioning to maintain behavioral compliance within particular communities” (GUERIN, 1992 citado por STAPLETON, 2003, p. 22).

<sup>5</sup> “De igual modo que ciertas prendas de vestir, ciertos peinados, ciertos gustos y actitudes, ciertos modos de diversión se consideran característicos de tal o cual generación, existen usos lingüísticos que se consideran propios de ciertos grupos de edad, que se acaban convirtiendo en auténticos símbolos generacionales y que se van renovando conforme llegan las nuevas generaciones” (MORENO FERNANDES, 2008, p. 51).

Sob esse viés, entendemos que, por apresentar uma produtividade de 62% na faixa etária I, o uso da zoonímia não está em processo de desuso. Ao contrário, pode demonstrar novos padrões de nomeação.

Por meio dessas análises, ratifica-se que os estudos dialetológicos revelam, por meio de dados linguísticos, também a relação entre língua e espaços socioculturais, demonstrando como a variação linguística descortina modos particulares de ser e de compreender o mundo, a depender do grupo social que a utiliza. E, após realizada a investigação diatópica, daremos continuidade à pesquisa com a análise léxico-semântica dos nomes de animais para se referir à “mulher que se vende para qualquer homem”. Para isso, foram consultados diferentes dicionários gerais, sendo eles: *Ferreira* (2010), *Houaiss* (2001) e *Michaelis* (2023).

Como já referido, a análise de natureza léxico-semântica deste artigo trata dos lexemas que se remetem a nomes de animais e a sua relação com o objeto tabu, a prostituta. Foi observado, principalmente, o uso da zoonímia como palavra *noa* para se evitar a utilização de vocábulos tabuísticos. Além disso, serão retomadas teorias de tipologia dos tabus linguísticos para compreender a escolha de zoônimos na fala dos informantes.

Sendo *galinha* a zoonímia mais recorrente, será tomada como o ponto de partida da análise ora proposta. Segundo o *Houaiss* (2001), *galinha* tem origem no século XIII, derivado do latim, no sentido de fêmea do galo. Já no sentido informal e pejorativo, de acordo com o próprio dicionário, trata-se “de indivíduo (mulher ou homem) que se dá a contatos voluptuosos ou que age publicamente sem freio moral”, indo ao encontro do documentado na terceira acepção do *Michaelis* (2023), que define a *lexia* como “indivíduo (mulher ou homem) que contraria as regras de moral sexual vigentes em sua época, comportando-se de modo indecoroso ou devasso quando em público”. Podendo ser, também, “mulher que se prostitui” (HOUAISS, 2001). Interessante mencionar que, segundo Houaiss (2001), no Português europeu, o vocábulo também é utilizado para referenciar algo fácil de conseguir: “Isso? Isso é galinha”, o que nos leva, portanto, a considerar que o uso de *galinha* destinado à prostituta, no falar brasileiro, tem influência do lusitanismo, pois se criou no imaginário brasileiro a ideia de que a prostituta é de fácil acesso.

A segunda variante zoonômica mais recorrente foi *piranha* (14%), a qual tem como primeira acepção, segundo *Michaelis* (2023), “denominação comum aos peixes fluviais, [...] carnívoros e extremamente vorazes, com dentes numerosos e muito afiados”. Houaiss (2001) documenta-a como forma pejorativa e, em sua quinta acepção, como “mulher que frequentemente mantém relações sexuais por dinheiro; prostituta, meretriz, vagabunda, piranhuda” e, por extensão, como “mulher que leva vida licenciosa, que mantém relações sexuais com muitos homens”. Em *Michaelis* (2023), encontramos “mulher de vida licenciosa, que faz sexo com muitos parceiros; prostituta”. Já *Ferreira* (2010), documenta-a nessa acepção como gíria. Considerando-se, pois, que o léxico reflete o meio em que uma sociedade está inserida, *piranha* pode ajudar a observar as alterações de sentidos durante o percorrer do tempo. Se nos anos 1990 era usado para ofender uma mulher, colocá-la no mais baixo nível do padrão social, hoje artistas, como Pablo Vittar (GOMES; MARQUES et al., 2021), reivindicam seu uso e cantam que “piranha também ama”, dando um novo significado à palavra. Se antes representava o sujo e o inaceitável, hoje talvez

possa estar mudando de carga semântica, cabendo à mulher tomá-lo para si ou não. Além disso, usando Alinei (1997) como referência, podemos entender que, talvez, seja utilizado *piranha* para se referir à prostituta pelo fato de estar presente no imaginário popular nacional a profissional do sexo como voraz, devastadora e insaciável, assim como o animal.

Para a entrada *cadela*, Michaelis (2023) informa como primeira acepção a fêmea do cão. Já Houaiss (2001) apresenta como datação o ano de 1609 para a segunda acepção, “mulher pouco digna, de baixa condição social ou de comportamento ou hábitos reprováveis; e prostituta”. Ferreira (2010) informa, na terceira acepção do vocábulo, marcas de uso depreciativas para o significado de “meretriz”, este que, de acordo com o Michaelis (2023), nomeia a prostituta. O sentido de *cadela* apresentado pelos dicionários pode derivar da ideia de que a mulher que se vende para qualquer homem se comportaria como o animal no cio, que se relaciona com qualquer um.

*Jaguara* é o quarto designativo mais recorrente, apresentando um percentual de 7%. De acordo com o Houaiss (2001), o termo é usado no Paraná e Rio Grande do Sul, o que se confirma no nosso trabalho, já que as duas ocorrências foram documentadas nos dois estados, e como primeira acepção o dicionário documenta “cão ordinário”. Como informa Michaelis (2023) na terceira acepção, trata-se de “indivíduo ordinário, sem caráter”. Apesar de não ter sido localizada nos dicionários pesquisados acepção destinada especificamente a prostitutas, *jaguara* demonstra o caráter negativo que rodeia a mulher que se vende para qualquer homem quando o falante a relaciona a um animal sem valor.

*Mariposa*, com ocorrência única, é documentada em Michaelis (2023), Houaiss (2001) e Ferreira (2010) na primeira acepção, como designativo para inseto de hábito noturno, além de tais obras informarem que representa regionalismo/brasileirismo do estado do Rio de Janeiro, significando o mesmo que meretriz. O informante que a mencionou, morador de Miguel do Oeste, Santa Catarina, faixa etária II, relatou que trabalhou como madeireiro, profissão que tem contato com caminhoneiros de outras regiões, o que pode justificar que ele pode ter sua fala influenciada por dialetos de outros estados e fez com que um regionalismo fluminense fizesse parte do seu léxico. Todavia, essa ocorrência pode representar também os caminhos do léxico, posto que *mariposa* pode estar mostrando uma atualização em seu uso, diferente do indicado nas obras lexicográficas. *Mariposa*, para a “mulher que se vende para qualquer homem”, dá mostras de que seu uso tenha sido motivado pelo fato de o inseto apresentar hábitos noturnos, assim como se presume no imaginário popular que a rotina de uma prostituta seja, o que confirma o proposto por Alinei (1997): a relação de características do animal com o referente que está sendo nomeado.

*Vaca*, também com ocorrência única, segundo o Michaelis (2023), refere-se, na primeira acepção, à “fêmea do boi”. Já conforme o Ferreira (2010), está documentado, também, como brasileiro chulo e que tem como significado “mulher leviana que aceita qualquer homem”. O Houaiss (2001) fornece como datação o ano de 1911 para a seguinte concepção: “mulher de vida devassa ou prostituta”, a qual vai ao encontro à quinta acepção de Michaelis (2023), que informa também mulher devassa. Ainda que represente brasileiro, segundo a informação de Ferreira (2010), essa variante lexical também está no imaginário lusitano como um ditado popular: “vaca que anda no monte não tem boi certo” (MACHADO, 1999). Entende-se, portanto, que o



comportamento da prostituta está relacionado ao da vaca, no que se refere a não ter um parceiro sexual definido.

A lexia *cachorra*, por sua vez, é documentada em *Michaelis* (2023) como “cadela nova ou pequena” e, também, assim como em *Houaiss* (2001), como uso pejorativo para se referir à mulher imoral ou de mau caráter. Ainda que não apresente a acepção de prostituta dicionarizada, evidencia-se que o falante a utiliza para nomear a mulher que se vende para qualquer homem, considerando esta indecente e vil.

Para concluir a análise léxico-semântica, observamos a variante léxica *perua*. De acordo com *Michaelis* (2023), trata-se da “fêmea do peru” e, também, mostra-se como um coloquialismo que tem sentido de prostituta. *Houaiss* (2001), por seu turno, documenta-a como informal e tabuísmo, datada de 1911, também com significado de prostituta. Os perus são animais barulhentos e sociáveis (MARTINS, 2023), de modo que podemos entender que a relação estabelecida pelos falantes entre o animal e a prostituta é devido à característica em comum que os dois compartilham, já que, no imaginário popular brasileiro, a profissional do sexo é qualificada como “escandalosa” e está sempre acompanhada.

Por meio da análise léxico-semântica, foi possível observar o afirmado por Alinei (1997) acerca da construção dos zoônimos, no que tange a características de animais, como *habitat* e hábitos, bem como a análise diatópica mostrou os caminhos das lexias estudadas, mostrando como os falantes compreendem e representam a profissional do sexo.

Espera-se, com este trabalho, que as pesquisas acerca da zoonímia se intensifiquem, fazendo com que haja maior desenvolvimento de métodos e de abordagens neste campo de estudo.

## Concluindo...

Por meio dos dados investigados, foi possível analisar um recorte da relação entre cultura, sociedade e língua(gem) na Região Sul do Brasil. Nesse sentido, observar o léxico de uma determinada comunidade faz com que possamos investigar e compreender, muitas vezes, suas motivações, influências e história cultural, como foi demonstrado neste artigo, utilizando métodos de análise e de observação da Dialetoлогия e da Lexicologia.

Por meio do *corpus* fornecido pelo projeto ALiB, foi possível estudarmos e documentarmos, entre os designativos registrados, o uso de nomes de animais para se referir à “mulher que se vende para qualquer homem” nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A análise evidenciou a existência de diferentes lexemas utilizados para nomear essa profissional, muitos dos quais estão enraizados na cultura e na história local. Ao explorar os zoônimos como parte dessa variação lexical, verificamos como as associações simbólicas e os estereótipos culturais podem influenciar na escolha de determinados designativos, como *galinha*, *piranha*, *cadela*, *jaguara*, *vaca*, *mariposa*, *cachorra* e *perua*, por exemplo, revelando uma tendência a associar a figura da prostituta às características específicas desses animais.

Demonstrou-se, além disso, a dinamicidade da língua e a capacidade dos falantes de adaptarem e criarem expressões conforme as mudanças sociais e culturais. Essas variações linguísticas



podem ser reflexo da diversidade cultural, das influências históricas e das características específicas de cada comunidade. Portanto, é importante reconhecer e valorizar essas realidades como parte integrante das identidades linguística e cultural de cada região.

É fundamental ressaltar que o objetivo deste estudo não é imprimir juízo de valor aos nomes utilizados, mas compreender a maneira como a língua reflete as relações sociais e as representações culturais.

Ao analisar a variação lexical para “a mulher que se vende para qualquer homem”, na Região Sul do Brasil, podemos, enfim, descortinar dinâmicas sociais, normas linguísticas e a forma como os falantes constroem sua identidade por meio da língua.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Júlia Vitória Mugartt Picolli – investigação – ID: 2451924d-425e-4778-9f4c-36c848ca70c2

Daniela de Souza Silva Costa – supervisão - ID: 0c8ca7d4-06ad-4527-9cea-a8801fcb8746

## CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

ALINEI, Mario. L'aspect magico-religieux dans la zoonymie populaire. **Publications de la faculté des lettres, arts, et sciences humaines de Nice**, Les zonymes, Nouvelle série, n. 38, 1997, s/p.

ALINEI, Mario. Nomi di animali, animali come nomi: cosa ci insegnano i dialetti sul rapporto fra esseri umani ed animali. In: Claudia Tugnoli (ed.). **Zoantropologia, Storia, etica e padagogia dell'interazione uomo/animale**. Milano: Franco Angeli, 2003, p. 86-114.

ALTENHOFEN, Cléo V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (ed.). **Variação e mudanças no português da região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 115-145.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-73.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 1-16, 2016.



COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. Política Linguística no Brasil. **Gragoatá**, n. 9, p. 221-231, 2000.

GOMES, Pampolin Arthur; MARQUES, Arthur Simões Magno et al. **Ama, sofre, chora**. VITTAR, Pablo. *In*: Batidão tropical. Rio de Janeiro. Warner Music Brasil, 2021, 2m32.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#10](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#10)>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LIMA, Fábio Ronne de Santana; COSTA, Daniela de Souza Silva. Dialetoleologia e Sociolinguística Educacional em interface: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 24, número 2, p. 709-730, 2022.

MACHADO, Helena. “Vaca que anda no monte não tem boi certo”: uma análise da prática judicial de normalização do comportamento sexual e procriativo da mulher. **Revista de Ciências Aplicadas**, Coimbra, n. 55, p. 167-184, nov. 1999.

MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farâni. **Tabus linguísticos**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1956.

MARTINS, Danyela. **Peru, qual a origem da ave?** Características, espécies e reprodução. Segredos do Mundo. Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/peru-bicho-ave/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MICHAELIS. **Dicionário moderno brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 3. ed. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008.

PAIM, Marcela Moura Torres; COSTA, Geisa Borges da. Fraseologismos e tabus linguísticos nas denominações para diabo no Nordeste brasileiro. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 94-108, 2022.

PAIVA, M. da C. A variável sexo/gênero. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **PROJETO ALiB**. Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ROSSEEL, Eddy. O ensino de línguas e identidade cultural. **Letras de Hoje**, v. 19, n. 2, p. 13-20, 1984.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. **Linguística como ciência**. Ensaios. Local: São Paulo Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2012.



SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. *In*: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 65-84.

STAPLETON, Karyn. Gender and swearing: a community practice. **Women and Language**, 26 (2), p. 22-30, 2003.

SWAIN, Tania Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Revista Unimontes científica**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 23-28, 2004.

